

TEATRO COMO TABU: OBSTÁCULO OU OPORTUNIDADE EM CONTEXTO ESCOLAR?

João Pedro Figueiredo de Oliveira (PIBIART/UEM). E-mail: jp796oliveira@gmail.com

Sidmar Silveira Gomes (Orientador/UEM).

Resumo:

O presente texto investiga as relações entre as práticas teatrais no contexto da escola e o conceito de tabu. Para isso, examina os cruzamentos entre ações desenvolvidas pelo projeto de extensão “Entre o Teatro na Escola e a Escola no Teatro: Interações e Pedagogias Possíveis” (ETTE) e práticas de estágio curricular supervisionado, mais especificamente pela perspectiva da formação de espectadores e mediação teatral. Objetiva-se verificar se o teatro na escola é visto como tabu e como a experiência de uma saída pedagógica ao teatro corroborou para essa percepção. Metodologicamente, optamos por descrever algumas cenas do espetáculo “Coro dos Maus Alunos”, visto pelos alunos, e relatar algumas situações curiosas ocorridas no colégio por onde passamos, analisando-as a partir do método comparativo de Schneider e Schmitt (1998). Percebemos que trabalhar com as práticas teatrais, tomadas curiosa e simultaneamente como tabu e como linguagem capaz de desafiar as noções de tabu, mostrou-se um desafio em contextos escolares. Esse desafio pode resultar tanto em um obstáculo quanto em uma oportunidade, apresentando-se os caminhos da mediação teatral e da formação de espectadores como possíveis definidores dessas possibilidades.

Palavras-chave: Formação de espectadores; Mediação teatral; Teatro e tabu; Teatro na escola; Extensão universitária.

1. Introdução

Referente ao espetáculo “Prazer, Hamlet”, inspirado no conhecido texto de William Shakespeare, Ciro Barcelos, diretor da peça, fez uma postagem em seu perfil no Instagram, anexando um vídeo contendo alguns recortes do espetáculo em que o personagem Hamlet, estrelado pelo ator global Rodrigo Simas, se encontra desnudo em palco. Barcelos aproveitou para lançar a provocativa: “O Teatro é um lugar de provocação [...]. É um desafio ao tabu [...]” (Barcelos, 2024).

A presente reflexão, dada no âmbito do Programa Institucional de Bolsas e Incentivo à Arte (PIBIART-UEM), busca debater o teatro como tema sensível, especificamente no contexto da escola. Nesse sentido, abordamos os

desdobramentos de uma das ações desenvolvidas pelo projeto de extensão “Entre o Teatro na Escola e a Escola no Teatro: Interações e Pedagogias Possíveis” (ETTE): a montagem e apresentação do espetáculo “Coro dos Maus Alunos”, de autoria do dramaturgo português Tiago Rodrigues. Portanto, este texto investiga se as práticas teatrais tendem a constituir um tabu em ambiente escolar, tomando tabu como, em linhas gerais, “[...] uma proibição da prática de qualquer atividade social que seja moral, religiosa ou culturalmente reprovável” (Significados, 2025).

2. Metodologia

Foram analisadas algumas das situações interessadas, bem como trechos da dramaturgia de “Coro dos Maus Alunos”, a partir do Método Comparativo (Schneider; Schmitt, 1998), por meio do qual regularidades, deslocamentos e transformações de ideias e atitudes puderam ser identificados e problematizados. Além disso, os professores Maria Pupo e Flávio Desgranges aprofundaram o debate nos âmbitos da formação de público e mediação teatral.

3. Resultados e Discussão

Um dos dias de apresentação do espetáculo “Coro dos Maus Alunos” coincidiu em data com a aula a ser ministrada no estágio curricular obrigatório de duas pessoas do elenco. O estágio em questão ocorreu no Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos (CEEBJA) Prof. Manoel Rodrigues da Silva. Assim, a solução encontrada foi a de transferir a aula de Arte para a apresentação do espetáculo, ou seja, que nessa aula os alunos assistissem ao espetáculo apresentado, entre outros, por seus professores como atores.

Em diálogo com os alunos, acontecido após a apresentação do espetáculo, percebemos que escolhas da dramaturgia e da encenação geraram certo desconforto, bem como atravessaram seus valores éticos e morais. Nesse sentido, discussões sobre censura foram levantadas. Entre os temas presentes na encenação que incomodaram os alunos, podemos destacar: palavrões, violência e uso de arma de fogo, nudez e masturbação. Por exemplo, os alunos relataram terem achado a presença dos palavrões algo “muito feio”, ofensivo aos espectadores,

sugerindo que fossem cobertos com um efeito sonoro, como utilizado em programas de televisão.

Diante disso, levantamos o questionamento: qual o papel das práticas teatrais no ambiente escolar?

Maria Lúcia de Souza Barros Pupo (2011) defende a mediação teatral como caminho para a formação de público, e afirma que “[...] programas escolares de diferentes países mencionam a atuação de professores – nomeados com frequência artistas-pedagogos – como sendo, em última análise, o desempenho de um verdadeiro mediador teatral” (Pupo, 2011, p. 114). Assim, tendo em vista as ponderações da autora, é possível considerar nosso período no CEEBJA e as atividades que conduzimos como uma prática de mediação teatral em ambiente escolar, sendo o mediador artístico, do ponto de vista de Pupo, “[...] um profissional ou instância empenhado em promover a aproximação entre as obras e os interesses do público, levando em conta o contexto e as circunstâncias” (Pupo, 2015, p. 135).

Se considerarmos aquela turma do CEEBJA como uma microssociedade com suas próprias especificidades, as práticas teatrais como uma linguagem estrangeira, desconhecida, se apresentaram como um apelo para que essas pessoas reinventassem suas linguagens, de pronto tocando em assuntos e temas delicados.

Portanto, é concebível teorizar que o posicionamento assimétrico verificado na turma do CEEBJA não se pautou na intensidade das cenas, mas talvez na falta de familiaridade com a linguagem teatral por parte dos indivíduos. Sobre um público não iniciado artisticamente, Desgranges (2006) ressalta a importância da formação de espectadores, imprescindível para a saúde e sobrevivência das artes da cena. Para ele, é necessária a “[...] participação do público no próprio desenvolvimento da arte teatral, já que não se pode conceber que esta arte avance e trave um diálogo produtivo com a sociedade sem a participação dos espectadores” (Desgranges, 2006, p. 154). Continua o seu raciocínio alertando para o fato de que despertar o interesse do espectador para as práticas teatrais depende da implementação de medidas e procedimentos que possam tornar viáveis o seu acesso ao teatro. Nesse sentido, um duplo acesso: físico, incentivo para que as pessoas frequentem espetáculos teatrais, por exemplo por meio de políticas de ingresso a preços populares e/ou gratuitos; e linguístico, por meio do desenvolvimento da aptidão dos

espectadores para a leitura autônoma de obras teatrais. Vale frisar que ambas as instâncias estiveram no norte das práticas aqui debatidas. O acesso físico deu-se pela ida a um espetáculo gratuito, apresentado em teatro próximo à escola, no horário da própria aula de Arte. Já o acesso linguístico tentou ser contemplado pelas dinâmicas desenvolvidas em sala de aula com os alunos, a partir de jogos e procedimentos que trabalharam com elementos da linguagem teatral, além, é claro, das próprias conversas tidas sobre o espetáculo assistido e as percepções por parte dos alunos/espectadores.

4. Considerações

A partir da experiência vivenciada, percebeu-se que o teatro pode provocar discussões sobre questões vistas socialmente como tabus, tais como violência, palavras de baixo calão, sexualidade etc. O ambiente escolar, infelizmente, tende a se configurar como um espaço menos flexível, onde a educação pela Arte se aprofunda com dificuldade e onde a formação de público praticamente inexiste. Tais fatores, sobrepostos e aliados à pouca familiaridade que os alunos demonstraram no que tange à linguagem teatral contemporânea, culminaram em uma recepção espinhosa às práticas artísticas que desenvolvemos na instituição.

Os pensamentos de Desgranges (2006) e Pupo (2011; 2015) contribuíram para refletirmos sobre possíveis saídas para essa espécie de embate/paradoxo identificado: as práticas teatrais que ao mesmo tempo em que se propõem a romper com tabus, são tomadas como um. No âmbito desses pensamentos, essa saída se deu pela perspectiva da educação, mais especificamente pela formação de espectadores, esfera que, de certa forma, justapõe os papéis de docente e artista, funções amplamente desenvolvidas ao longo dessa jornada, dada entre um projeto de extensão e um estágio curricular supervisionado.

Referências

- DESGRANGES, Flávio. *Pedagogia do Teatro: Provocação e Dialogismo*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- PUPO, Maria Lucia de Souza Barros. *Mediação Artística, uma tessitura em processo*. Urdimento, Florianópolis, n. 17, p. 113-121, set. 2011.
- PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. *Para Alimentar o Desejo de Teatro*. São Paulo: Hucitec, 2015.



SCHNEIDER, Sergio; SCHIMITT, Cláudia Job. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.

SIGNIFICADOS. Significado de Tabu. Disponível em:

<https://www.significados.com.br/tabu/>. Acesso em: 23 jan. 2025.